WIKIPÉDIA
A enciclopédia livre

Juliano Moreira

Juliano Moreira (Salvador, 6 de janeiro de 1872[1][nota 1] – Petrópolis,[4] 2 de maio de 1933) foi um médico psiquiatra brasileiro, frequentemente considerado como o fundador da disciplina psiquiátrica e da psicanálise no Brasil pelos avanços por ele promovidos. Moreira foi o primeiro professor universitário brasileiro a citar e incorporar a teoria psicanalítica no ensino da medicina.

Juliano Moreira

Nascimento	6 de janeiro de 1872[nota 1] Salvador, Província da Bahia
Morte	2 de maio de 1933 (60 anos) Petrópolis, Rio de Janeiro
Nacionalidade	brasileiro
Cidadania	Brasil
Etnia	Afro-brasileiro
Ocupação	médico
Campo(s)	Medicina
Tese	*Sífilis maligna precoce* (1891)
Causa da morte	Tuberculose

[edite no Wikidata]

Biografia

Nascido em Salvador, Juliano era negro e pobre, filho de Galdina Joaquina do Amaral, que trabalhava na residência de Luís Adriano Alves de Lima Gordilho, Barão de Itapuã, professor catedrático de Clínica na Faculdade de Medicina da Bahia[5]. Somente após a morte de sua mãe, quando Juliano tinha 13 anos de idade, é que ele foi perfilhado por Manoel do Carmo Moreira Júnior, português, inspetor de iluminação pública.[4][1] Graças ao apoio do Barão de Itapuã, seu padrinho, que era médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Juliano Moreira fez os cursos preparatórios e ingressou no curso de medicina, em 1886.[6] Formou-se em 1891, aos 19 anos, com a tese *Sífilis maligna precoce*. *..."Adentrei-me na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, com menos de 15 anos de idade, conforme era possível na época, doutorando-me aos 22 janeiros"*. Em 1896, fez o concurso para lente substituto da 12ª seção — cadeira de moléstias nervosas e mentais —, com a tese sobre as *Discinesias arsenicais* e foi aprovado em primeiro lugar, com nota máxima. Nesse momento, passou a figurar entre os redatores da *Gazeta Médica da Bahia*, que tinha Braz do Amaral como redator-gerente e José Francisco de Silva Lima como redator principal.[7] De 1895 a 1902, realizou cursos e estágios sobre doenças mentais e visitou muitos asilos na Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia.[8] Mas, além de viagens de estudos, já era obrigado a procurar com frequência especialistas e clínicas para consultas sobre sua própria doença. Juliano Moreira sofria de tuberculose. Acentuando-se as crises, obteve uma nova

licença e viajou à Europa em busca de melhor tratamento e posteriormente internou-se num sanatório na cidade do Cairo, onde conheceu Augusta Peick, enfermeira alemã, de Hamburgo. Os dois se casaram no início da década de 1910 e vieram juntos para o Brasil.[4][9]

Já em 1900 representou o Brasil em congressos internacionais: em Paris, neste ano − sendo também eleito Presidente Honorário do 4º Congresso Internacional de Assistência a Alienados, em Berlim; também seria congressista brasileiro em Lisboa (1906), Milão e Amsterdã (1907), Londres e Bruxelas (1913).

Juliano Moreira mais jovem.

Permaneceu na Faculdade de Medicina da Bahia, até 1902. Em 1903, após ter exercido a clínica psiquiátrica na Bahia, mudou-se para o Rio de Janeiro. Lá, entre 1903 e 1930, dirigiu o Hospício Nacional de Alienados e, embora não fosse professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, recebia internos para o ensino de psiquiatria — dentre os quais, Fernandes Figueira (1863–1928),[10]Franco da Rocha (1864–1933), Miguel Pereira (1871–1918), Afrânio Peixoto (1876–1947), Antônio Austregésilo (1876–1960), Henrique Roxo (1877–1969), Ulysses Vianna (1880–1935),[11] Gustavo Riedel (1887–1934)[12] e Heitor Carrilho (1890–1954). Muitos deles viriam a atuar, também de forma pioneira, na organização de diversas especialidades médicas no Brasil, tais como neurologia, psiquiatria, clínica médica, patologia clínica, anatomia patológica, pediatria e medicina legal.

Durante seu trabalho como diretor do Hospício Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, humanizou o tratamento e acabou com o aprisionamento de pacientes. Foi neste período, que o hospital recebeu o líder da Revolta da Chibata, João Cândido, para tratamento de uma "psicose de exaustão". Em 18 de abril de 1911, o "Almirante Negro", que cumpria pena na Ilha das Cobras, foi transferido para o Hospital dos Alienados, por ter sido considerado doente mental. Ali, permaneceu durante dois meses conseguindo passar relativamente bem, fazendo amizade com alguns enfermeiros e conseguindo, inclusive, que fizessem vista grossa para alguns passeios pela cidade. Ao final de dois meses, sem justificativa plausível para sua permanência no hospital, João Cândido foi levado de volta ao presídio da Ilha das Cobras.[13]

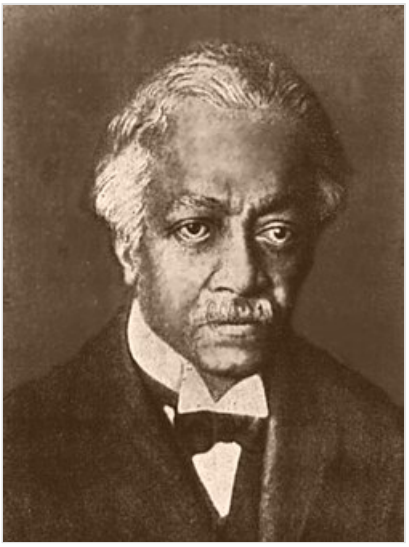
Moreira defendeu a ideia de que a origem das doenças mentais se devia a fatores físicos e situacionais, como a falta de higiene e falta de acesso à educação, contrariando um pensamento racista em voga no meio acadêmico, que atribuía os problemas psicológicos da população brasileira à miscigenação. Destacou-se também na área da dermatologia. Foi o primeiro pesquisador a identificar a leishmaniose cutâneo-mucosa e buscou provar que a questão racial não motivava as doenças. Explorou a sifilografia e a parasitologia.[6]

Apesar de avesso ao racismo científico, Moreira também aceitava certos aspectos do pensamento eugênico, por exemplo propunha que fosse afastada dos alienados, delinquentes, degenerados e alcoólatras a possibilidade de reprodução, através da prescrição da esterilização destes.[14]

Participou da Escola Tropicalista da Bahia e contribuiu por uma década com o conteúdo da *Revista Gazeta Médica da Bahia*, da qual foi redator principal. Em 1894, fundou a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia e da Sociedade de Medicina Legal da Bahia. Como diretor no Hospício Nacional dos Alienados (1903-1930), no Rio de Janeiro, mudou a estrutura física do hospital e estabeleceu novos modelos assistenciais no interior dos hospícios. Criou laboratórios dentro dos hospitais e introduziu a técnica de punção lombar e do exame céfalo-raquidiano como diagnóstico neurológico (1906). Criou o Manicômio Judiciário em 1911.

Foi membro da Diretoria da Academia Brasileira de Ciências entre 1917 e 1929, ocupando o cargo de Presidente no último triênio. Foi também membro de diversas sociedades médicas em todo o mundo. Dentre as instituições internacionais das quais fez parte, incluem-se a *Anthropologische Gesellschaft* (Munique), a *Societé de Medicine* (Paris) e a *Medico-legal Society* (Nova York).

Em novembro de 1930, o novo presidente, Getúlio Vargas, dissolveu o Congresso Nacional, as câmaras e as assembleias estaduais. Nomeou interventores nos Estados, mantendo seus compromissos com as oligarquias dissidentes. Em 8 de dezembro de 1930, Juliano Moreira foi destituído da direção do Hospital Nacional de Alienados, onde também morava. Aposentado, foi morar num hotel em Santa Teresa. Manteve suas visitas a alguns de seus pacientes particulares no Sanatório Botafogo, de Ulysses Vianna, e as sessões da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina. Em 17 de novembro de 1932, retornou pela última vez à Sociedade que fundara, para uma sessão solene.[15]



Juliano Moreira no livro Baianos Ilustres, de 1945.

Morte

A tuberculose avançava. Miguel Couto, seu médico, decidiu encaminhá-lo à Serra de Petrópolis. Hospedou-se na residência de Hermelindo Lopes Rodrigues, um de seus maiores discípulos. Faleceu em 2 de maio de 1933, no Sanatório de Correias, na cidade de Petrópolis, onde se internara para tratamento de tuberculose. Não deixou filhos.

Homenagens póstumas

- Juliano Moreira foi escolhido patrono da cadeira 57 da Academia Nacional de Medicina[16][17]
- Prêmio Juliano Moreira, instituído pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia[16][17]
- Memorial Juliano Moreira, no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, em Salvador.[16]
- Patrono da cadeira 27 da Academia Pernambucana de Medicina.[18]

Legado

Juliano Moreira revolucionou as concepções e métodos da psiquiatria no Brasil, notadamente no tocante à atenção às pessoas com problemas mentais. Entre seus legados incluem-se a formulação de propostas e novos modelos assistenciais psiquiátricos (1903); a aprovação da lei de assistência aos alienados, de 22 de dezembro de 1903; a fundação da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins (1905). No campo da antropologia, Juliano deixou um legado de combate ao racismo científico, por seu papel na refutação da crença de que as doenças mentais estariam ligadas à cor da pele das pessoas.[6]

Notas e referências

Notas

1. Algumas fontes apontam 1873 como ano de seu nascimento.[2][3]

Referências

1. Juliano Moreira: modernidade e civilização na Primeira República Brasileira (http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?artigos=artigo-juliano-moreira-modernidade-e-civilizacao-na-primeira-republica-brasileira). Por Iara Nancy A. Rios. *Bahia com Históri*anº 3, março de 2016. ISSN 2525-295X
2. Oda, Ana Maria Galdini Raimundo; Dalgalarrondo, Paulo (dezembro de 2000). «Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico» (http://www.scielo.br/j/rbp/a/wzF5QyZ7pVvVVF5VqRHwSHf/?lang=pt). *Brazilian Journal of Psychiatry*: 178–179. ISSN 1516-4446 (https://www.worldcat.org/issn/1516-4446). doi:10.1590/S1516-44462000000400007 (https://dx.doi.org/10.1590%2FS1516-44462000000400007). Consultado em 3 de junho de 2022
3. «MOREIRA, JULIANO» (http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/morjul.htm). *www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br*. Consultado em 3 de junho de 2022
4. Biografia Juliano Moreira 1872-1902. (http://www.saude.ba.gov.br/hjm/index.php?option=com_content&view=article&id=252&catid=118&Itemid=195)
5. O Monitor (BA) (28 de agosto de 1880, página 1.). «Jornal publicado em Salvador, Bahia.» (http://memoria.bn.gov.br/DocReader/704008/4287). Consultado em Acesso em 22/8/2025 Verifique data em: `|acessodata=, |data=` (ajuda)
6. Brazil, T.K. (org.), Santana-Junior, E. F., Casais-e-Silva, L. L. *Projeto Herois da Saúde na Bahia*. Juliano Moreira 1872- 1933 (http://www.bahiana.edu.br/herois/heroi.aspx?id=NA==)
7. Juliano Moreira e a Gazeta Medica da Bahia (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000400011). Por Ronaldo Ribeiro Jacobinal e Ester Aida Gelman. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos',' vol.15 nº 4. Rio de Janeiro, outubro-dezembro de 2008. ISSN 1678-4758*
8. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000400007). Por Ana Maria Galdini Raimundo Oda e Paulo Dalgalarrondo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 22 nº 4. São Paulo, dezembro de 2000. ISSN 1809-452X
9. Santos, Raquel Pinheiro dos. *Manoel Bomfim e Juliano Moreira: Aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República* (http://www.ppghsuerj.pro.br/ppg/c.php?c=download_dissert&arq=116). São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014, p. 99.

10. Antônio Fernandes Figueira (http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/antoniofernandes.htm). Fiocruz. Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz.
11. Debates sobre assistência psiquiátrica na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. (http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400289832_ARQUIVO_TextocompletoAnpuh2014EdeCerqueira.pdf) Por Ede C. Bispo Cerqueira. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh - Rio. Rio de Janeiro, 2014.
12. Gustavo Kohler Riedel (1887-1934) (http://www.polbr.med.br/ano08/wal0208.php). Por Walmor J. Piccinini. História da Psiquiatria. Vol.13, nº 2, fevereiro de 2008.
13. João Cândido (Rio Pardo, RS, 1880 – Rio de Janeiro, RJ, 1969) (http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/2014/07/17/jo%C3%A3o-c%C3%A2ndido). Museu Afro Brasil.
14. «Silva, Daniela Roselen Galetti da. «A LOUCURA VISTA SOB A ÓTICA DA EUGENIA». UEM. VIII Congresso internacional de história: 1» (http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3726.pdf) (PDF)
15. Juliano Moreira (http://www.geledes.org.br/juliano-moreira/#ixzz4EclC51sI). *Geledés*, 21 de julho de 2009.
16. «MOREIRA, JULIANO» (https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/MOREIRA,_JULIANO). *Dicionário Histórico-Biográfico das ciências da saúde no Brasil*. Consultado em 4 de outubro de 2023
17. «Juliano Moreira, o psiquiatra negro que revolucionou o tratamento das doenças mentais» (https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-01-06/juliano-moreira-o-psiquiatra-negro-que-revolucionou-o-tratamento-das-doencas-mentais-no-brasil.html). Consultado em 4 de outubro de 2023
18. Academia Pernambucana de Medicina. «Quadro associativo» (http://acadpemedicina.com.br/membros/?page=3). Consultado em 4 de outubro de 2023

Ligações externas

- Perfil na página da Academia Brasileira de Ciências (https://web.archive.org/web/20070927222832/http://www.abc.org.br/historia/juliano.html)
- Memorial Professor Juliano Moreira (http://www.memorialjulianomoreira.ba.gov.br/)

Precedido por **Henrique Charles Morize**	**Presidente da Academia Brasileira de Ciências** 1926–1929	Sucedido por **Miguel Osório de Almeida**

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Juliano_Moreira&oldid=70724046"